

# VOGGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.\*  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



CLAUDE FRANCE, A CÉLEBRE E FORMOSA VEDETA GAULESA DO CINEMA QUE, INEXPLICAVELMENTE, ACABA DE PÔR TERMO À VIDA. (Foto Manuel Frères)

ESTE NÚMERO TEM 12 PAGINAS E FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO.

Ayuntamiento de Madrid



## VIDA ELEGANTE

LADY CARNEGIE  
Embaixatriz de Inglaterra

UM BAILE NA EMBAIXADA DE INGLATERRA. — As festas na Embaixada de Inglaterra teem sempre um alto cunho de requintada distinção, o que as torna memoráveis, principalmente pela carinhosa acolhida que os ilustres diplomatas britânicos dispensam sempre aos seus convidados. O baile que há dias Sir Lancelot Carnegie e sua distinta esposa, Lady Carnegie, ofereceram a numerosas famílias das suas relações, foi das mais brilhantes e animadas, tendo aspectos de rara elegância. Assistência numerosa, toilettes femininas esplêndidas, notando-se o regresso à evidência das jóias verdadeiras, — das jóias antigas, que as há como se sabe, na posse das famílias da sociedade elegante, e na sua maioria, verdadeiras preciosidades.

A meia noite as salas e galerias regorgitavam de convidados, dançando-se já animadamente no vasto salão de recepções. Nas outras salas e galerias generalizava-se a palestra, naquele ambiente de despreocupado bem-estar, que se encontra sempre na Embaixada de Inglaterra.

Lady Carnegie é uma figura de alto relevo que sabe receber primorosamente, sendo incansável em prodigalizar aos seus convidados as maiores atenções, eficazmente secundada pelo ilustre diplomata que é seu marido, tão querido hoje no nosso país, de que é grande amigo e admirador. Daí o encanto da sua convivência, que tanto realce dá às lindas festas da Embaixada britânica.

Duas notas interessantes notabilizaram esse baile esplêndido: a apresentação em sociedade de mademoiselle Maria Francisca de Lencastre, graciosa e gentil filha dos Condes das Alcáçovas, — exuberante daquela alegria que anima sempre a mocidade no início da vida mundana; e a inesperada e triunfal reaparição em Lisboa, da valsa a três tempos — ressurreição que os novos acolheram com risonha admiração e os velhos com alvoroçada surpresa.

Aos primeiros acordes do *Danúbio azul*, de Strauss, deu o exemplo o Conde de M., que demonstrou bem não ter esquecido, com o dobrar dos anos, as suas brilhantes tradições de homem do mundo. Pouco depois e naturalmente sugestionados pela vivacidade graciosa da velha valsa, toda a gente o imitava, dando foros de actualidade elegante àquela saudosa evocação das danças de tempos idos.

Não faltaram, pois, atractivos, ao grande baile do dia 12, na Embaixada de Inglaterra.

Alguns nomes da numerosa assistência: Madame Pralon, Madame Voretzch, Madame Dearing, Condessa de Lichterveld, Madame Finn Koren, Madame Lafayette de Carvalho e Silva, Madame Greath Wattson, Madame N. Fiscowich, Madame H. de Molina, viscondessa de Silveiras, Marquesas do Funchal e de Olhão e filha, Condessas de Mafra, de Santar, de Arnoso e filha, de Proença e filha, de São Tiago, de Carnide, de Arge, de Seisal, de Castelo Mendo, de Atalaia, de Murça e de Castro Marim; viscondessas de Almeida Garrett, do Marco e de Santarem; D. Maria Domingas de Portugal de Sousa Continho Rebelo da Silva, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Eugénia de Melo Breyner da Câmara (Belmonte) e filha, D. Maria Leonor Anjos Joyce Diniz, D. Maria Simões Anjos e filha, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Henriqueta Meuron de Araujo Perestrelo e filhas, D. Natália de Muñoz e Puig, D. Mariana Seabra Roquete, D. Isabel Street de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria do Carmo de Castro Pereira Casal Ribeiro de Carvalho, D. Alda Guedes Pinto Machado e filha, D. Piedade de Campos Valdez Briffa e netas, D. Maria José Burnay de Gusmão, D. Teresa de Lobo e Castro de Verda (Mairós), D. Maria Bruno de Heredia, D. Maria José Borges de Medeiros Espirito Santo, D. Alexandra Nobre de Melo, D. Isabel de Melo e Almeida (Sotto d'El-Rei),

D. Luísa de Sousa Holstein de Brito Correia de Sá (Asseca), D. Maria de Lourdes de Vasconcelos de Sousa Perestrelo, D. Carolina Correia de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Maria Teresa Mayer de Magalhães, D. Angela Carvajal Teles da Sylva (Tarouca), D. Herminia Cantillo Leite de Faria, D. Mary Cohen Espirito Santo, D. Maria Espirito Santo de Melo, D. Maria de Oliveira Reis, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Constança de Roma Machado Paiva Raposo, D. Daisy Cohen de Bettencourt, D. Francisca da Câmara Ferreira Pinto Basto, D. Maria Augusta Pereira de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, D. Teresa de Orey Ferreira Pinto, D. Maria da Conceição de Melo Breyner Cabral, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Luísa Sá Pais do Amaral Macieira, D. Maria do Carmo de Noronha (Paraty), D. Adelaide Daun e Lorena (Pombal), mesdemoiselles Lavradio, Ponte, Penha Garcia, Costa Cabral (Tomar), etc.

E os srs. ministros da França, Alemanha, Bélgica, Itália, Holanda, América do Norte, Venezuela; Encarregados de Negócios do Vaticano, do Brasil, de Espanha, da Noruega, da China, de Cuba, do Uruguay, do Paraguay; Mr. Franklin de Almeida, secretário da Embaixada do Brasil; Greath Wattson, conselheiro da Embaixada de Inglaterra; secretários de Inglaterra, Noruega, China; Marquês do Lavradio; Condes: das Alcáçovas e filhos, de Mafra, de Nova Gôa e filhos, das Galveias, de Castelo Mendo, de São Tiago, de Arge, da Ponte, de Carnide, de Atalaia, de Penha Garcia, de Murça de Castro Marim; viscondes do Marco, de Almeida Garrett, de Santarem, do Torrão; D. Vasco da Câmara (Belmonte), dr. João Ulrich, Guilherme Ferreira Pinto Basto, Jorge Rebelo da Silva, Pedro de Gusmão, D. Tomás de Vilhena, dr. António da Costa Cabral (Tomar), C. Joyce Diniz, dr. Manuel Casal Ribeiro de Carvalho, Guilherme Street de Arriaga e Cunha, Gabriel Reis, dr. Nobre de Melo, D. António Herédia, Carlos Pinto Machado, D. Miguel Anadia, Bartolomeu Perestrelo de Vasconcelos, Henrique de Mendonça, António Correia de Sá (Asseca), Diogo de Bettencourt, dr. Reis Torgal, dr. J. A. Campos Henriques, A. Morais de Carvalho, João de Mendonça, dr. António Pedroso, João Cabral, Rodrigo de Castro Pereira, J. Roquete, dr. António de Magalhães, Ricardo Espirito Santo, António Espirito Santo, António de Azevedo Castelo Branco, dr. António Leite de Faria, Luís Trigueiros, Ernesto Bastos, Alexandre Ferreira Pinto, dr. Luís Macieira, Maia Cardoso, Aires Pinto da Cunha, Luís Margaride, etc.

FESTAS DE CARIDADE. — No Porto: — Realiza-se na próxima quinta-feira, no teatro Sá da Bandeira, uma elegantíssima recita de caridade, organizada por uma comissão composta das senhoras: D. Adelaide Vasconcelos Soares Costa, D. Ana José Guedes da Costa, D. Cândida de Sá e Melo Moreira, D. Fernanda Magalhães Van-Zeller, D. Henriqueta de Lencastre e

«Maria Luísa», D. Maria José de Lourdes Martins de Meneses Pinto Machado; «Isabel», D. Maria Carolina Castro Monteiro de Carvalho; «Coras», D. Maria Eugénia Pinto Machado; «Miss Belford», D. Maria Cirne de Lencastre; «Rodolfo», Diogo San-Romão; «Crane», José de Carvalho Rebelo de Meneses; «Paulo», Luís Rebelo Valente; «Carlos», António Pinto Machado; «Tomás Benett», Eduardo de Brito e Cunha; «Mr. Belford», António Bernardo Ferreira. Encenação da ilustre artista sr.<sup>a</sup> D. Amélia Rey Colaço Robles Monteiro.

A noite de quinta-feira, 26 do corrente, no teatro Sá da Bandeira, vai, decerto, marcar nos anais mundanos portugueses, uma página a letras de ouro.

No Hotel de Itália: — A tarde de domingo

A sr.<sup>a</sup> D. Edwiges Eugénia Veiga da Cunha Gama Lobo de Eça e o sr. César Augusto Marçal Vidigal, por ocasião do seu casamento realizado na Basílica da Estréla, com os seus convidados

passado no Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde se realizou o anunciado «chá dançante», levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, actualmente passando o inverno em Cascais, e da qual faziam parte as seguintes: D. Alda Trigo de Almeida Santos, Condessa de Almôster, D. Constança de Almeida Santos de Castelo Branco, D. Maria Ana de Avilez, D. Maria Ana de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria Francisca de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria da Graça de Siqueira de Castelo Branco e D. Maria José Vilas Boas Cannes da Costa e Silva, sendo o produto destinado ao fundo da benemérita instituição «Casa de Trabalho», da vila de Cascais, foi, como era de esperar, brilhantíssima, pois aí concorren tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, tanto de

gado, pois há muito tempo não assistimos a uma festa tão concorrida, devendo, portanto, a ilustre comissão ter ficado satisfeita por ver os seus esforços coroados de êxito.

Na assistência viam-se, entre outras, as sr.<sup>as</sup>: Condessa de Agueda, Condessa de Almôster, D. Maria Salinas da Silva Bruschy, D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Maria José Vilas Boas Cannes da Costa e Silva e filha, D. Maria Ana Salema de Avilez e filha, D. Febronia de Abreu Saraiva e filha, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Sara de Bastos da Cunha Eça, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Berta Bandeira de Melo, D. Elvira Diogo da Silva, D. Maria da Glória Duarte Silva, D. Rosina Cerveira de



Um aspecto da selecta assistência ao Chá dançante de caridade, realizado no passado domingo nas salas do Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril, organizado por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade em benefício da Casa de Trabalho de Cascais

Castro, D. Maria Amélia Marinho Falcão Nunes da Ponte, D. Maria Emilia Correia Pinto dos Santos, D. Maria Tereza de Oliveira de Melo e Alvim, D. Verina dos Santos Gomes Ribeiro e Viscondessa de Alijó (D. Maria das Mercês), cujo produto se destina a favor do fundo das obras da igreja da Cedofeita, e na qual será representada a engraçada peça do repertório da ilustre artista-empresária sr.<sup>a</sup> D. Amélia Rey Colaço Robles Monteiro, «É preciso viver...», que está assim distribuída:

Cascais e Estoril, como de Lisboa e das outras praças da «enseada azul».

Durante a tarde dançou-se quasi sem interrupção ao som de uma exímia orquestra «jazz-band», sob a direcção do brilhante pianista Del Iino, que executou um variado repertório de danças modernas.

A festa de domingo passado no Grande Hotel de Itália deve ficar para sempre gravada nos anais mundanos, não só sob o aspecto mundano, como também pelo resultado financeiro alcan-

Melo, D. Rachel Cardoso de Carvalho, D. Amélia da Rocha e Melo e filha, D. Luísa de Sousa e Holstein Beck Correia de Sá, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Maria da Graça de Siqueira de Castelo Branco, D. Constança de Almeida Santos de Castelo Branco, D. Margarida Street Caupers de Bragança, D. Berta Bastos Mendes, Madame Eltz de Saldanha, D. Guiomar de Almeida e filhas, D. Maria Henriqueta Galvão de Sá Ferreira Infante da Câmara, D. Maria de Carvalho e filha, D. Guilhermina Bastos Reynolds, D. Maria Ana e D. Maria Francisca de Castelo Branco (Pombeiro), D. Alda Trigo de Almeida Santos, D. Rachel e D. Sara da Costa Cardoso, D. Filipa Torre do Vale, D. Paulina Ribeiro, Madame Serra Ribeiro, D. Carmen e D. Maria Pacheco de Burnay, D. Maria Flora Barros de Moraes, D. Olga e D. Dora de Almeida, Mesdemoiselles da Câmara Assis e Reynolds de Sousa, etc., etc.

## CASAMENTOS:

Na Basílica da Estréla realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Edwiges Eugénia Veiga da Cunha Gama Lobo de Eça, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Edwiges Oliveira Veiga da Cunha Gama Lobo de Eça e do sr. António da Cunha Lobo de Eça, com o sr. Cesar Augusto Marçal Vidigal Nunes, filho da sr.<sup>a</sup> D. Palmira Marçal Vidigal Nunes e do distinto capitão sr. Frederico Augusto Vidigal Nunes, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, que foi celebrada pelo prior da freguesia, reverendo dr. Domingos Fernandes Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, foi servido na residência dos pais da noiva um fino luncheon.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

(Continúa na página 5)

## LIÇÕES DE CANTO

POR M.<sup>ME</sup> LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discípula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.<sup>o</sup> D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da «VOGA»

Tudo quanto precisa uma boa dona de casa — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801



## ECOS E COMENTÁRIOS

## O CALVÁRIO DOS CABELOS CURTOS

Houve, em Cantão, uma revolta comunista, tornada possível por uma bélica divergência entre dois generais e divergência essa que desguarneceu, militarmente, a cidade.

Os dois generais suspenderam a guerra por controvérsia em que estavam envolvidos e aliam-se para esmagar a insurreição moscovita, fortuitamente vencedora. E, em dois dias, com uma crueldade asiática, incompreensível para os europeus, reprimiram a revolta, fusilando os rebeldes por milhares.

Uns destacamentos militares foram colocar-se junto da entrada das universidades e das escolas superiores, a fim de executar a mais bizarra, a mais chinesa das ordens: fusilar, sem piedade, todas as estudantes que usassem cabelos curtos, considerados por eles como afirmações... de bolchevismo.

E, algumas centenas de raparigas, perderam a vida, só por seguir a moda feminina da Europa.

É o martirólogo dos cabelos curtos, a sementeira de sangue duma moda, — martirólogo e sementeira só possíveis na China, e que requerem, para serem explicados, um chinês, que seja absolutamente chinês — um chinês que nunca tivesse sequer apertado a mão a Sun Yat Sun ou a qualquer dos seus fanáticos e amarelos partidários.

—

## «VORONOFIZAÇÕES...»

O dr. Voronoff vai aumentando, dia a dia, os seus adeptos. Os homens de ciência, extremamente parcimoniosos na sua admiração e cheios de reservas por todas as descobertas que ameacem revolucionar as suas leis e as suas concepções, consideram-no. E as almas simples tem nele uma fé obstinada, acreditam, com ele, que o revigoramento e o prolongamento da vida humana estão dependentes do chimpanzé, das glândulas do feio quadrumano...

As experiências até aqui realizadas, afirma-o Voronoff, sem o menor desmentido, tem dado resultados surpreendentes e maravilhosos. Há, apenas, uma dificuldade: são em número restrito os macacos que servem para atingirmos, com uma longevidade semelhante à dos patriarcas bíblicos, a energia da juventude. Essa dificuldade, se não for remediada, virá a provocar grandes cóleras e inarráveis invejas no género humano; porque dificilmente haverá quem se resigne a morrer na altura própria, quando outras pessoas zombam da morte acenando-lhe, triunfantes, com as glândulas de chimpanzé.

—

## NA PATRIA DA «VIÚVA ALEGRE»

Foi de Viena que veio a célebre opereta de renome mundial. Não estranham, portanto, as leitoras que existam na cidade onde nasceu a «Viúva Alegre» — «viúvas alegres» em grande número.

Segundo uma revista francesa, elas constituíram muitos *clubs* onde expandem a sua satisfação hilar e freqüentam, várias vezes por semana, os grandes *cafés* da capital austríaca, onde a sua alegria, por estridente, afasta os clientes e provoca os protestos dos donos daqueles estabelecimentos.

Afirma-se até que estes estão na disposição de proibir a entrada nos *cafés* àquelas senhoras a quem aconteceu este facto, para elas espantosamente consolador e eminentemente cómico: — perder o marido.

Se tal medida for tomada é provável que, dentro de alguns meses, os estrangeiros que visitam Viena leiam, com pasmo, os seguintes bizarros distícos:

— «Neste café só é permitida a entrada a viúvas que sejam tristes!»

—

## POLÍCIA FEMININA

MARY S. Allen, chefe da polícia feminina de Londres, está publicando uma série de artigos referindo os crimes que tem descoberto e a maneira como conseguiu surpreender os criminosos, entregando-os à punição severa dos tribunais ingleses.

Miss Mary S. Allen dedicou-se aos crimes praticados contra a moralidade e que atingem de preferência as mulheres. E fê-lo com requintada habilidade, com inextinguível pertinácia e sobrehumana energia.

Descobriu os piores *trucs* que certos homens empregam para ludibriar e desonestar raparigas, tornando muito precária a existência desse género especial de delinquentes.

Não haverá, na sua actividade, uma vingança legítima, mas terrível, do seu sexo? Se tal acontece é de esperar a desforra do sexo forte, e se as subordinadas de miss Mary não se defendem, dentro em pouco arriscar-se-ão a tornar-se uma corporação de vítimas. E terá, então, de se criar uma polícia especial para perseguir os que perseguem a corajosa polícia feminina de Londres...

## BORDADOS E RENDAS

## CROCHET DE ARTE — FILET RICHELIEU

O interesse muito particular que as senhoras dedicam a todos os trabalhos de agulha, quer sejam bordados ou rendas, estendem-se de novo até ao *crochet*, que está mais uma vez no domínio da moda.

O *crochet* também evoluiu imenso. Aos modelos cheios de simplicidade e facilidade, sucederam-se modelos caprichosos e originais, que livram o *crochet* do seu aspecto banal, que

A nossa gravura mostra um lindo enfeite para *store*, duma originalidade encantadora. A renda é dum efeito tão surpreendente que se lhe perdão o trabalho que dá. O *store* é todo feito em *filet* e com aplicações em *crochet*. As aplicações grandes podem ser substituídas por outras quaisquer ou mesmo bordadas sobre o *filet* no caso que se deseje.

A renda do *store*, uma larga e artística renda,



muito o prejudicava entre os trabalhos femininos.

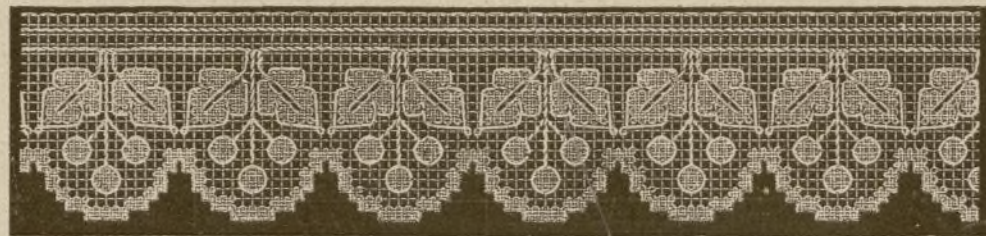
São estes modelos de menos fácil execução, mas sem por isso deixar de ser recreativa e com resultados que merecem bem o dispêndio de tempo e as possíveis dificuldades.

Os motivos principais, folhas, flores, ramos, etc., feitos em linha grossa, são aplicados sobre

necessita para a sua confecção muita paciência e interesse. A expectativa do resultado, que é a linda renda, desvanecerá as possíveis hesitações.

Começa-se a renda pelas rosetas, primeiro as inferiores e depois as superiores, que não são iguais.

Faz-se depois em redor das rosetas de baixo as pequeninas *barretes* e *picots* (apenas uma



um fundo de rede feito também em *crochet* ou simplesmente sobre *filet*, ou ainda ligados por *barretes* feitas de cordão ou à agulha de côser.

O carácter ornamental destas rendas exclui o seu emprego como guarnição de roupas brancas ou *napperons*; são uma feliz aplicação no ornamento e guarnição de numerosos objectos úteis na decoração de interiores.

volta) e ligam-se simultaneamente umas às outras como a gravura mostra.

Depois de todas ligadas faz-se o mesmo às de cima, que se ligam às *barretes* das inferiores, no intervalo de duas.

A nossa gravura está bem explícita, deixando ver bem a maneira de executar.

Quando se acaba de ligar as rosetas, faz-se

## O NOSSO FRISO DE MODAS

## MODELOS PRÁTICOS E ELEGANTES

ESTE nosso friso de modas, onde os «godets» e os plissados são a nota predominante, apresenta elegantes modelos de fácil execução e harmonioso conjunto. São êles criação de «Jenny» e «Lauvin», casas, ditadoras em Paris, de modas e inovações.

Podem os vestidos deste friso ser confeccionados em seda ou em lã, ficando sempre muito agradáveis e interessantes.

Os «godets» continuam bastante em voga, e os plissados, os aristocráticos plissados que sempre se usam, também continuam na moda.

Este grácil elemento para embelezar os vestidos é sempre aproveitado pelas elegantes, seja qual for a moda actual, para com êle confeccionar os mais caprichosos modelos, a que os plissados dão um aspecto de elegância e graciosidade requintada.

O nosso modelo n.º 1, feito com pequenos grupos plissados, é simples e chic. Num tom único, tendo apenas como ornamento uma linda fivela de brilhantes pedras, que pelo seu fulgor embeleza o vestido e encanta o olhar.

O n.º 2 é um vestido de noite, esguio e bem talhado, que muito bem ficará a uma rapariga esbelta e delgada.

A saia é toda talhada em «godets». Dos ombros desce uma larga guarnição que acompanha a saia, feita com vidrilhos ou contas prateadas. Conforme o tom do vestido, assim se pode empregar também as contas em dourado ou multicores.

N.º 3 — É um vestido de passeio em verde amêndoa, tendo como único enfeite umas laçadas em fita de veludo preto, muito estreita, ao lado do decote e no punho esquerdo. O corpo é direito e a saia talhada em «godets» no lado esquerdo.

N.º 4 — É um curioso vestido, todo enfeitado a viezes, num tom um pouco mais escuro que o vestido ou em tom diferente mas que combine bem. É o vizez uma das novidades deste inverno que tem merecido maior preferência. Os «godets» deste vestido são também enfeitados com o vizez, quebrando-lhe assim a sua habitual simplicidade.

N.º 5 — É um vestido tão lindo como estranho. As pregas, largas, fazendo um motivo decorativo na parte superior da saia, é inédito e muito interessante.

Na blusa e mangas borda-se qualquer motivo que se deseje. O que o modelo apresenta é bastante simples; por isso, bordado a fio prateado, fica muito engraçado e luxuoso.

N.º 6 — É um vestido de casaco bem original e lindo. A sua silhueta é bem agradável e o seu conjunto elegante.

Sobre uma saia toda plissada um casaco direito, muito curto, com um vizez enfeitando-o todo. Este modelo é, neste género, um dos mais graciosos e de conjunto mais harmonioso e prático.

N.º 7 — É um casaco de meia estação, igualmente enfeitado com viezes, formando desenhos. Formam estes viezes uma barra no casaco, em baixo, na manga e enfeitam a gola.

O nosso jornal, que tão prestável deseja ser às suas leitoras, pretende apenas publicar modelos que tenham elegância, bom gosto e que estejam absolutamente dentro da moda.

(Vêja pag. 9)

MADemoiselle X.

a segunda volta, que segue ao comprido da renda, na parte inferior, e continua-se sempre trabalhando assim, indo e vindo até se formar e completar o recorte das pontas.

Depois destas faz-se a parte que liga ao *filet* da mesma maneira que se fez o recorte das pontas e seguindo o que a gravura indica.

Fazem-se depois as aplicações grandes. Começa-se pelos ângulos e depois dos quatro feitos cosem-se pelo avesso com um ponto muito miúdo e ligando-os como se vê na gravura.

Depois de todos ligados faz-se o meio ponto em volta e simultaneamente o pequeno motivo que ornamenta o ângulo. Depois, por último, faz-se o recorte dos extremos da aplicação e as *barretes* que a enquadram.

As pequeninas aplicações que se semeiam por todo o *filet* são bastante simples.

Eis, pois, um lindo efeito obtido com o *crochet* de arte que tão em moda está e que tão linda guarnição compõe.

*Filet-Richelieu* é um bordado sobre *filet* que bastante se distingue do *filet* já conhecido.

É um bordado muito simples, tendo apenas como desenho flores e folhas e motivos decorativos. A figura, tão usual no *filet* vulgar, está banida do *Filet-Richelieu*.

São estes bordados feitos da seguinte maneira:

Borda-se o *filet*, a rede, com o ponto usual e depois do desenho todo trabalhado contorna-se com ponto de «pé de haste».

Este ponto quebra o agudo dos cantos, dando-lhe um recorte muito elegante de linhas suaves e agradáveis.

Esta renda feita em *filet* miúdo e com linha muito fina tem uma aplicação útil e variada.

Tanto em roupa branca com em *napperons* esta renda é um lindo ornamento cheio de graça e de leveza.

BERENICE.

M A L A S E Bastos Silva, Lt.<sup>a</sup> Rua S. Nicolau, 81  
CARTEIRAS Paris - Chiado Rua Garrett, 64  
ALTA NOVIDADE



# AS MODAS EM VOGA

AS EXCEN-  
TRICIDA-  
DES NO ADOR-  
NO FEMININO::

OS MODERNOS  
CHAPEUS E O  
NOSSO MODELO



É principalmente sobre os chapéus que o capricho da mulher exerce maior influência.

São eles que lhes dão aos rostos, «ficando bem», aquela harmonia e graciosidade que todas desejam e procuram ao experimentar chapéus.

Eles variam a expressão e a beleza conforme os seus feitios bizarros e lindos. Os chapéus,

este inverno, tendem a mostrar a testa. Ou são igualmente levantados à frente ou então formam um corte, uns ao lado, outros ao meio, deixando ver um pequeno triângulo da testa, uma espécie de aplicação da própria epiderme, um chapéu de feltro ou de veludo. Os nossos dois modelos mostram bem a graciosa novidade.

As exóticas e interessantes fantasias que neste século de inquietude e evolução se tem inventado e que continuam infinitamente a aparecer são, por vezes, duma originalidade tão requintada e espirituosa que as aceitamos com alegria.

Só raras vezes não sucede assim... Todas nós desejamos novidades e as procuramos. O nosso espírito é evolutivo, fútil talvez. Ele necessita sempre de coisas inéditas que lhe satisfaçam a sua vaidade estética.

As duas curiosas novidades que as nossas gravuras apresentam dão-nos essas excêntricas fantasias.

Os colares são um dos mais elegantes acessórios de *toilette*. Como tudo, para se fugir à vulgaridade, que é a morte fatal das novidades, eles necessitam de arte, de muita arte, até na maneira de os pôr.

O colar com duas ou três voltas no pescoço e caindo à frente à vontade é o usual, o vulgar.

Uma maneira curiosa, elegante e exótica mesmo, de se usar os colares, os grandes e lindos colares de fantasia sobre o colo nu com um vestido de *soirée*, é a que a nossa gravura apresenta. Todo descaído nas costas e caindo negligente sobre a espadua, é muito interessante e dum *chic* e distinção admiráveis, *dernier cri* de Paris.

É o lenço um dos mais humildes objectos da *toilette* feminina, mas, a pesar disso, ele voltou a estar nas boas graças e, longe de passar despercebido e anónimo, ele volta a mostrar-se ostensivamente como no século XVIII os pequenos lenços de renda de Alençon e Veneza.

No mesmo tom do vestido ou cor que bem combine com ele, usam-se agora presos com um nó ao pulso ou ao meio da mão.

A nossa gravura mostra bem esta original maneira de usar o lenço que as parisienses acabam de inventar.



Os *lamés* estão sendo aproveitados profusamente, tanto em enfeites de chapéus ou vestidos como sendo o tecido preferido para a sua confecção.

O nosso modelo é um curioso chapéu que lembra os dos antigos guerreiros, bélicos e audazes.

Este, longe de ser em ferro pesado e sinistro, é simplesmente em *lamé* prateado, ductil e brilhante, que nos ofusca a vista com o seu esplendor e beleza.

O elegante e moderno vestido que *Voga* apresenta, modelo original desta elegante revista feminina, é um vestido cheio de graça, feito em dois tons duma só cor, com uma diferença leve e diminuta.

Os desenhos e conjuntos modernos em vestidos e chapéus estão em voga, agsoluta e inevitavelmente.

A harmonia de linhas, quer em bicos ou desenhos cheios de fantasias, dão aos vestidos de hoje uma graça exótica do ineditismo cheio de novidade e beleza.

O nosso modelo, vestido muito simples e sobrio de enfeites, é feito em dois tons da cor que se escolher. Fica com um conjunto mais interessante e fino. A seda da cor mais clara é toda plissada, tanto na saia como no *empiècement* e mangas.

Os plissados são ainda, depois de tanta evolução que a moda tem sofrido, um lindo e contínuo elemento que dá ao vestido um aspecto sempre moderno, sempre novo.

O nosso modelo é simples, mas a essência de enfeites é preenchida com requinte e habilidade pelo miúdo plissado que o ornamenta com elegância e suntuosidade.

MADemoiselle X.

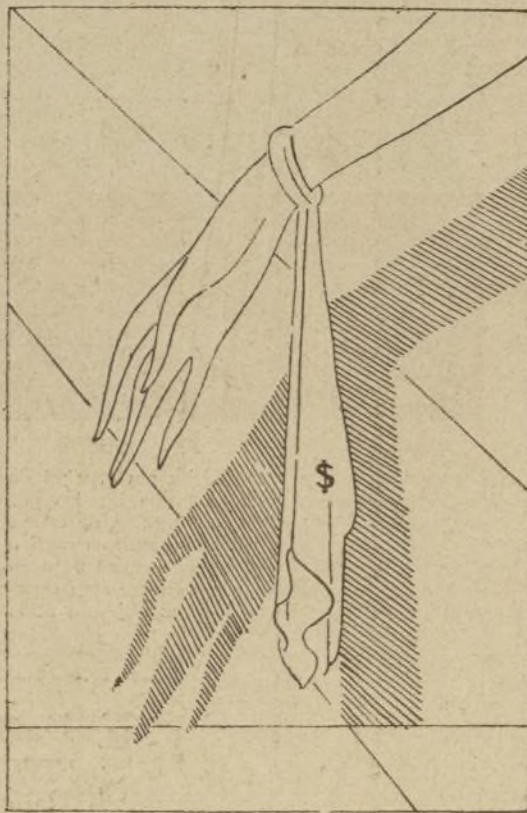
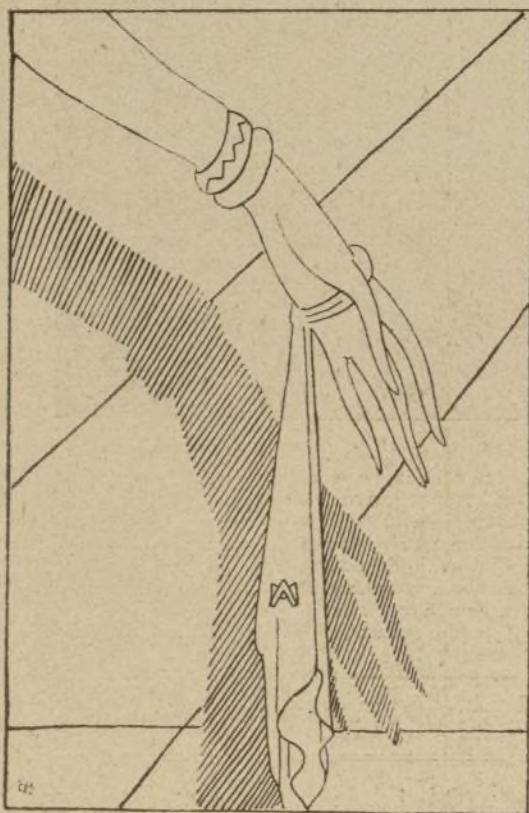
— — — — —

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

Os chapéus sofrem constantemente a evolução da moda. Duma estação a outra eles fazem uma completa diferença e quantas vezes até na mesma estação.

— — — — —

— — — — —





## A PROPÓSITO DE LIVROS

ORA aqui está um livrinho, um encantador e delicioso livrinho que bem desejariamos figurasse nas estantes das nossas queridas leitoras! Afortunadamente podemos asseverar que, 1927, como ano literário, acabou bem, éle que sob vários outros aspectos tão mausinho foi, benza-o Deus!... Porque este *S. João subiu ao trono* que a pena cheia de sonho e de graciosidade de Carlos Amaro escreveu e Sara Afonso deliciosamente ilustrou, é o mais delicioso conto de fadas, que a nós, gente graúda e já em idade de ter juízo, se poderia contar! Todos podem ler ou ouvir esta belíssima fantasia, cheia de delicado simbolismo: a leitora, para sentir o coração desanuviado das tristezas que por lá terão deixado os volumes de três francos e cincoenta da progressiva e pouco decente literatura gaulesa; o seu marido, porque se julgará, depois de o ler, um pouco melhor do que é; e os seus bebês porque os versos encantadores de Carlos Amaro, por mais duma vez, se lhes gravarão no espírito cândido e puro... Este livrinho delicioso foi para nós, leitora, uma franca e alegre revelação: nós estávamos a muitas léguas de supor que em Carlos Amaro houvesse um poeta e, portanto, um coração... Pois há, leitora!... De onde menos se espera é que saem as coisas! O delicioso livrinho!

Afonso Gaio, que os palcos portugueses conhecem como aplaudido e guerreado dramaturgo, acaba de publicar uma colectânea de crónicas sobre arte, crítica, história e literatura, a que pôs o sugestivo título de *O mundo fora dos eixos*. Que realmente esta bola enorme e dependente do sol anda há muito fora do giro que Deus lhe marcou, isso sabemos-lo nós todos e a leitora por certo o terá notado, às vezes — quem sabe! — com o pranto a bailar-lhe nos olhos! Mas o que não sabo, naturalmente, é que o desarranjo do globo pudesse fornecer ao espírito culto de Afonso Gaio uma série de impressões que se lêem com agrado e até mesmo com prazer. Isto, é claro, desde que a leitora não seja criatura propensa a comover-se com a saudade, porque então, uma tal ou qual ternura cheia de tristeza lhe ensombrará o espírito: Afonso Gaio viu muito, viveu muito e, quando calha, os espinhos da saudade enterram-se fundo na epiderme de quem o lê... Nós, pelo menos nesta ocasião, não achamos — que nos perdoe a grande e magnânima sombra de Garrett! — não achamos que a saudade seja o tal delicioso punção de acerbo espinho... Coisas de ocasião: quem escreve estas linhas, sabe lá o que será amanhã! O que sabe, porém, e assevera a quem o lê, é que o livro de Afonso Gaio está bem escrito e merece ser lido por todos quantos se interessam por motivos e coisas de Portugal!

Das floridas paragens de S. Miguel chega-nos um livro, obra de mocidade, cheio de ingenuidade scénica e revelador de reais qualidades: chama-se éle *O velho do Restêlo* e escreveu-o, quando ainda frequentava as aulas universitárias em Lisboa, um moço de real e autêntico talento de escritor: Oliveira San Bento. São três actos e um quadro final, por vezes em belos versos, cheios de som e de fogo. A urdidura da peça é natural que peque, mais duma vez, por ingenuidade: a psicologia dos personagens nem sempre será exacta, nem, talvez, mesmo se justifique a aparição de elementos scénicos hoje bastante postos de parte. Mas o autor estava naquela florida e ingenua quadra dos vinte anos — brazeiro de ingenuidades e de sonhos! — quando escreveu este dramazinho... E vamos lá que, se não fôsse o seu comprovado talento, não seria éle quem nos faria ler, dum fôlego, *O Velho do Restêlo*. Porque o encanto dos versos e a ingenua psicologia de certas personagens — como Isabel da Gama, por exemplo — e o fogo patriótico que incendeia outras, enchem-nos, por vezes, de simpatia... O nosso desejo seria que Oliveira San Bento, amadurecido agora o espírito pela reflexão e pelo estudo — fruto dos anos que vão correndo! — prosseguisse numa carreira para a qual, em tão verde idade, deu provas de possuir autêntica e iniludível vocação!

F. M.

## ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDÊNCIA

A MULHER MODERNA  
CRÓNICA DA SEMANA

EU, leitora amiga e minha confidente, de testo a política, — ou eu não fôsse mulher, infelizmente! — adoro o conforto, o conchêgo do meu cantinho e tenho um marido que me adora às prestações. Quando o animatógrafo — a que éle dá um nome muito mais sugestivo e impossível de aqui escrever! — lhe deixa uns momentos livres para se chegar para mim, fala-me então de política. Oiço por comprazer, finjo-me interessada com o que



vai por esse mundo e, valha a verdade, às vezes oiço-as das boas. A última que meu inconstante marido me disse foi que a onda da democratização avança. Fiquei assim a modos parva quando tal ouvi e, é claro, roguei explicações claras, alegando que o cérebro da mulher é mais restrito do que o do homem — tudo isto já se vê, para o reter um pouco mais junto de mim, senão o patife iria fazer demonstrações práticas para o cinema! E vai éle, com um sorriso de compaixão pelo auditório, saiu-se com esta:

— Chama-se democratização isto de não haver senão igualdade. Assim não há reis nem presidentes: somos todos iguais. Principiemos pelos reis: sabes qual é o lema do *ex-libris* do sr. D. Manuel de Bragança? «Primeiro nós e depois nós». É a prova provada de que a democratização avança, não achas?

E claro que achei logo, senão éle ia para o cinema! E o maroto encantador, continuou:

— Uma das coisas que mais podem interessar a tua restricta mentalidade (obrigado!) é a moda. É o que é que tu tens visto? O fato da mulher democratiza-se iniludivelmente: há peixeiras que usam meias de seda e dentes de ouro. As costureiras vestem às vezes melhor do que as freguesas e há igualmente criadas que põem a um canto as patrões...

Nesta altura comecei a ficar verde porque o maroto do meu marido, em se tratando de criadas... Adiante!

— Além disso tende também a nivelar-se a indumentária feminina. Se puzermos de parte o facto correntio de haver cabeças de mulher que parecem cabeças de alunos do liceu, temos o caso alegríssimo e democrático de as mulheres estarem tendo uma predilecção estupenda pelo fato dos homens. Em casa já elas andam de calças, embora lhes ponham uns ornatos chamados rendas e lhes deem o nome de pijama, fatiota que cá o sexo forte também usa.

✻ ✻

## BERTA SINGERMAN

Lisboa voltou de novo a ouvir e a aplaudir esta grande artista que todo o mundo tem aclamado como a maior interprete dos poetas antigos e modernos. Pela sua voz de ouro, através da sua apuradíssima e calorosa gestão, desfilam num cortejo de pompas e de ritmos, de lágrimas e de alegrias os versos de Rabindranath e de Eugénio de Castro, de Valle-Inclán, de Ruben Dário, de Amado Nervo, de Rosália de Castro, de



António Machado e Afonso Lopes Vieira. Ouvir esta grande declamadora é reviver horas de arte e de beleza que não mais esquecerão. A sua voz inconfundível, a sua dicção inegalável, ressuscitam perante os olhos e o nosso ouvido poemas de ouro, estrofes de angustia, sonhos de glória e de amor: entra-se em domínios de poesia de que tanto andam carecidos os dias de hoje... Os seus recitais teem obtido um caloroso triunfo.

## VIDA ELEGANTE

(Continuação da página 2)

## CASAMENTOS:

Em Tânger realizou-se com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Madeleine Bonnet, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Conceza Matthews Bonnet e do sr. Emilio Bonnet, com o distinto advogado sr. dr. Tomás Ribeiro Colaço, filho da ilustre poetisa sr.<sup>a</sup> D. Branca de Gonta Colaço e do brilhante artista sr. Jorge Colaço.

A cerimónia religiosa efectuou-se na igreja da Imaculada Conceição da Comunidade Franciscana, sendo celebrante sua ex.<sup>a</sup> reverendíssima o sr. Bispo de Gallipoli, vigário apostólico de Marrocos, amigo íntimo da família da noiva.

Durante a missa, a esplêndida orquestra «Kursaal» executou vários trechos de música sacra, sendo alguns cantados por madame Rombery de Vancorbeil, filha do antigo director da Ópera, e muito consagrada nos melhores meios parisienses.

Serviram de madrinhas madame Rombery de Vancorbeil e a mãe do noivo, e de padrinhos, o grande artista Maurice Rombery e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, a que assistiram o representante do Sultão e o seu primeiro Kalifa, que se conservaram de pé junto do altar-mor, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lunch. Os noivos seguiram depois para Gibráitar, de onde partiram para Lisboa.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

SALÕES. — A sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Falcão Trigo de Lemos e o sr. Inácio de Lemos Seixas de Castelo Branco ofereceram, na sua elegante residência, ao Campo Grande, por ocasião do ajuste de casamento de sua gentil filha D. Maria Carlota com o sr. Alexandre Maria de Saldanha da Gama de Cabedo (Zambujal), filho dos srs. Viscondes de Zambujal, uma soiree íntima, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, prolongando-se até de madrugada.

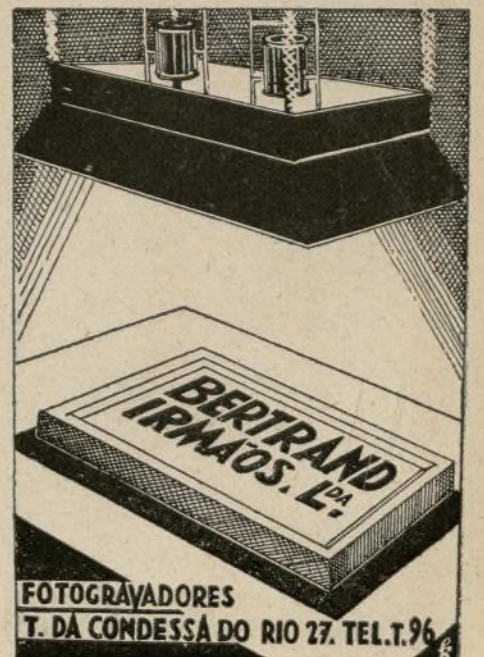
Povoando as salas viam-se as sr.<sup>as</sup>:

D. Maria Augusta Peach Castelo, D. Maria Luísa de Lemos Moller e filhas, D. Maria Carlota Pinto de Magalhães de Almeida Fernandes e filha, D. Maria Isabel de Melo Falcão Trigo de Siqueira e filhas, D. Maria Rita da França Falcão Trigo de Siqueira e filha, D. Maria Bernardina Pinto da França Perestrelo e filhas, D. Maria da Conceição de Borja Trindade de Serra e Moura, D. Margarida de Melo Falcão Trigo de Vasconcelos, D. Sofia de Sousa e Vasconcelos, D. Maria de Lemos de Moura, D. Maria Berta de Sousa e Vasconcelos de Carvalho, D. Ana de Barros e Vasconcelos e filhas, Madame Eltz e Saldanha, D. Maria Clara Alcobia Cyrne, D. Maria da Graça Feio Torres, D. Maria Carlota de Cabedo e Vasconcelos, D. Joana de Saldanha da Gama, D. Maria Francisca de Saldanha da Gama Osterlund, D. Maria Luísa Saldanha da Gama Nunes, D. Maria Helena, D. Maria Aldegundes e D. Maria Clara de Saldanha da Gama Cabedo, etc., etc.

E os srs.: Visconde de Zambujal, D. Alexandre de Saldanha da Gama, D. José de Saldanha da Gama, Comandante Mariano de Carvalho, José Maria de Falcão Trigo, Lopo de Sousa e Vasconcelos, Tomás de Lemos de Serra e Moura, Alexandre Galvão Mexia Almeida Fernandes, António de Lemos de Serra e Moura, Frank Osterlund, José de Mendonça Cyrne, Diogo Bandeira de Lima, António e Mariano Cyrilo de Carvalho, Francisco e John Osterlund, Leonardo Falcão Trigo, Manuel de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), Manuel Feio Torres, Manuel Freiria, Miguel, Alberto e Vasco Saldanha da Gama de Cabedo, Joaquim Miguel de Borja Trindade de Serra e Moura, etc., etc.

NASCIMENTOS. — A sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina Salgado Mendes Cruz, esposa do distinto major de artilharia sr. Raúl Manso Preto Mendes Cruz, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.





Vestido em crepe satín preto, colete em seda branca, da casa Joseph Paquin.  
Foto M. Treres

Lindo man-  
teau "du soir"  
em lãe verme-  
lho e dourado Go-  
la em raposa ar-  
gente em baixo  
barras de velu-  
do

Vestido em tafetas e crepe georgene  
te esmeralda, da casa Bernard  
Foto M. Treres

Vestido em crepe  
da china preto enfe-  
tado de flores bor-  
das e pintadas a cores  
Foto H. Manuel

Vestido em crepe da china casta-  
nho guarnecido a fio dourado, de  
Joseph Paquin  
Foto M. Treres

Vestido  
em crepe da ch-  
ina "cyclamen" sobre  
lãe azul, corpo do  
vestido inteiramente  
bordado no mesmo tom.  
Criação Cyber  
Foto H. Manuel

Chapeu em feltro e "taupe" azul,  
da casa Suzy  
Foto M. Treres

Vestido para jantar em renda preta  
bordada com vidrilhos. Cinto preto e  
rosa, da casa Cyber  
Foto H. Manuel

Vestido de noite, corte de estilo, em  
"taffetas" em baixo tule no mesmo tom qu-  
arnecido com grinaldas prateadas e flores  
de seda, da casa Blanche Debouvier  
Foto H. Manuel

Saia em crepe da  
china azul plissada,  
blusa mais clara, in-  
crustações na cor da  
saia  
Foto H. Manuel

Chapeu em feltro castanho  
de Lewis  
Foto H. Manuel



TINHA eu quinze anos apenas quando pela primeira vez me encontrei com Charlie Chaplin... Quinze anos e a impressionável, a sonhadora natureza duma rapariga para quem o ser já crescida é uma experiência que mal compreende...

Foi numa pequena loja de livreiro: enquanto os meus olhos passeavam indolentemente por sobre os livros, o meu pensamento ia todo para o homem cujas facécias inimitáveis no écran tantas vezes me tinham feito rir.

E era tudo quanto eu conhecia acerca de Charlie Chaplin: o homem engraçadíssimo cujas comédias eu vira e gosara tão impessoalmente como poderia gosar e ouvir as de qualquer espirituoso actor.

Charlie Chaplin, como homem nunca dominara os meus pensamentos.

#### UMA FIGURA SINGULAR

Mas, nessa ocasião em que eu estava no livreiro, percorrendo com o olhar as obras expostas, senti que alguém me tocava no cotovelo. Voltei-me e vi Sid Grauman, o homem cujos filmes de maravilhosa apresentação lhe tinham ganho uma reputação extraordinária. A seu lado estava um outro indivíduo de fraca e triste figura: um homem baixo e singular, de grandes olhos tristes que me olhavam com uma espécie de insistente aspereza.

Ainda antes de Sid Grauman falar já eu me sentia atraída pelo encanto magnetico do indivíduo que a seu lado se encontrava. Rapariga ainda como eu era, senti bem, não obstante, que estava ali um homem fóra do vulgar.

Mildred, disse Mr. Grauman, Charlie Chaplin quer conhecer-te.

Fiquei admiradíssima: nunca pela cabeça me passara que Chaplin ouvisse falar de mim, como tampouco jámais eu pensara noutra coisa que não fosse a sua obra.

Tem em casa dele o seu retrato, Mildred. Foi por esse retrato que a comecei a apreciar. E agora quiz conhecê-la pessoalmente.

O retrato a que Sid Grauman se referia era a boneca de Mildred, e provinha do filme do mesmo titulo, no qual eu representara quando tinha apenas os meus doze anos.

E ali naquela pequena loja de livreiro, Charlie Chaplin falando com toda a simplicidade e muito sério, disse-me ter apreciado muito o meu trabalho; que acreditava no meu futuro como actriz de cinema e que desejava tanto encontrar-se comigo como até ali comigo desejara falar.

Foi assim que principiaram as nossas relações.

Cerca dum ano depois, quando eu já prefizera desasseis anos, encontrámo-nos numa praia, em casa dum amigo comum. Depois do jantar fomos passear para a praia, quando a lua cheia inundava de prata líquida as areias e o Oceano. Estava uma noite de romance... E foi então que eu percebi — possivelmente dum modo impreciso — existir no espirito de Charlie Chaplin qualquer coisa a meu respeito que ele mais tarde me diria.

Naquela noite nada me disse, é certo, mas os seus olhos falavam por ele. Reparei que me olhava longas e repetidas vezes, e embora os seus lábios dissessem os usuais logares-comuns, os seus olhares diziam-me muito mais do que as suas palavras.

Um dia perguntou-me se poderia ir a minha casa. Até então havíamos-nos encontrado aqui e ali, em Hollywood, em casa de amigos comuns, exactamente como poderiam fazer duas criaturas que trabalham no mesmo officio e nêle se encontram juntas muitas vezes.

Eu era ainda muito nova e hesitei. Embora havia já alguns anos trabalhase em filmes, a verdade é que eu pouco mais era do que uma creança: aos olhos de todos, aos de minha mãe e aos meus próprios eu não passava duma rapariga inexperiente.

Durante um ano trabalhara para a Universal



## Charlot e a sua cara-metade.

Film, que me ofereceu o mcontracto magnifico. Fizera então *The price of a Good Time* e *The Doctor and the Woman*, com Kenneth Harlan e Lew Cody como meus companheiros, e acabava de completar *For Husbands only* e *Borrowed Clothes*. Subitamente, quando este

tracto. Por mim concordei porque amava Charlie Chaplin mas, minha mãe, essa julgava-me nova de mais para tomar contacto com a vida real. Sobretudo, o que mais repugnava a minha mãe era a diferença de idades, pois que Charlie Chaplin tinha quasi o dobro da minha. Pôs,



esplendido contracto estava ainda em vigor, Charlie Chaplin perguntou-me se eu não queria casar com ele...

E assim ficámos noivos. Chaplin pediu-me imediatamente que quebrasse o meu contracto com a Universal Filme, de modo que eu dali em diante pudesse dedicar-lhe a ele todo o meu tempo.

A minha idade permitia a anulação do con-

tracto, objecções ao meu casamento; queria que eu seguisse a minha carreira e não ficasse ofuscada por Chaplin.

Lois Weber, a escritora dos meus filmes, também por seu turno pôs objecções. Tudo isto então pela felicidade que sente toda a jóven nos seus primeiros amores.

Minha mãe e Miss Weber voltaram a objectar com a minha idade visto eu ser ainda muito no-

vinha, e tentaram-me persuadir a que ao menos esperasse algum tempo. Planearam então leu soube depois de Charlie me ter proposto e eu ter aceite casar com ele, levada como era var-me para Inglaterra, aonde vivia uma tia minha, proximo de Londres. Eu sou de descendencia inglesa e tenho até entre os meus parentes um dos pares de Inglaterra.

Mas os protestos de minha mãe para mais não serviram do que para nos dar a coragem de prosseguir com mais afínco os nossos planos. Estavamos completamente enamorados. Charlie ainda tentou levar minha mãe pela persuasão e ao ver baldados os seus esforços, disse-me que de fôrma alguma poderia afazer-se à ideia de desistir da nossa união.

#### O CASAMENTO

De modo que, sem pedir o consentimento de ninguém, procurámos efectuar o nosso casamento. Mas, licença para isso é que não podíamos obter. É uma das desvantagens de uma vida tão pública como a dos filmes em que todo o mundo sabe mais de nós do que seria necessário... Toda a gente parecia saber a minha idade!

Contudo não perdemos a coragem e a verdade é que, depois de muitas diligências e quando minha mãe viu que realmente era sincero o meu amor por Charlot, deu o seu consentimento.

Charlie Chaplin e eu casámo-nos em casa de minha mãe, em Los Angeles, na tarde de 23 de Setembro de 1917.

Não houve convidados, a não ser pessoas de família. Foi um casamento pacato, um casamento quasi despercebido... E assim comecei uma vida nova que eu de todo o meu coração julgara me traria uma absoluta felicidade.

Sentia-me cheia de alegria durante o tempo em que havíamos sido noivos. E agora estávamos casados... Mas havia em Charlie Chaplin uma personalidade que eu não conhecera nunca, a pesar de ingenuamente acreditar que o conhecia bem!

Ao tornar-me a esposa de Charlie Chaplin fui para ele com o espirito cheio de sonhos, como é de uso irem as jóvens, ao tratar-se do seu primeiro amor. E pareceu-me, quando ele enfiou a aliança de casamento nos meus dedos, que isso selava, por nossa parte, um perfeito e completo acôrdo.

#### SOLIDÃO

Lembro-me de que uma vez Charlie me disse o que segue:

— Mildred, sinto-me atemorizado pelo amor que nos ligou. Parece-me que toda minha vida estive esperando por ti. Longo tempo aspirei pelo amor, pelo grande amor que enche uma vida e sinto em ti a única mulher que preenche todos os meus ideais.

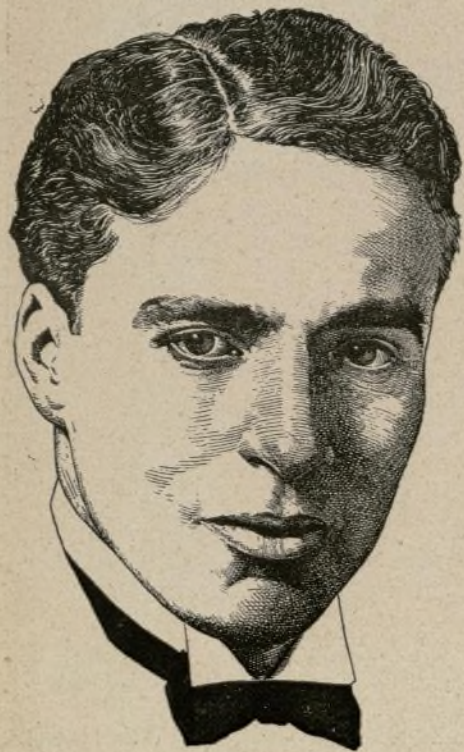
Qual a rapariga que não acreditaria em semelhantes palavras e não julgaria realizados todos os seus sonhos?

Quando eu, ainda solteira, comecei a conhecer melhor Charlie Chaplin, vi quão solitária havia sido, até então, a sua vida. A primeira vista parecerá estranho que haja sido solitária a vida dum homem que através de teatros e tantos filmes estabeleceu um laço comum de entendimento com muitos milhões de criaturas de todas as raças e categorias...

Mas, nas longas conversas que tivemos antes de casar, naqueles dias em que ambos procurávamos persuadir minha mãe a deixar-nos realizar os nossos planos, Charlie Chaplin fez-me ver que alguma coisa faltara na sua vida.

Não que ele falasse muito do que havia sido a sua vida. Mesmo como sua mulher, pouco conheci do que tinham sido os seus primeiros anos de luta. Parecia ter todo o empenho em deixar no esquecimento a crua pobreza, as duras lutas e provocações por que passara toda a vida que vivera, antes de chegar o êxito retumbante da carreira que o fizera célebre.

(Continúa.)



Um dos maiores, dos mais extraordinários virtuosos da guitarra. Nas suas mãos, o célebre instrumento tão lusiada, tão nosso, tão a dentro da nossa alma e da nossa maneira de ser, transfigura-se, adquire modalidades que ninguém lhe suporia. Salgado do Carmo faz da guitarra o que quer, e ninguém diria como das cordas de arame das guitarras — que choraram em Alcácer a derrota dos portugueses — se poderia evoluir a alma de Solveyg na suite imortal de Grieg... Salgado do Carmo vai, por certo, ter entre nós os triunfos que obteve também na América do Norte...

O seu concerto, que se realiza a 30 do corrente, às 21,30, no Salão Nobre da Liga

#### SALGADO DO CARMO



Naval, constará do seguinte:

PRIMEIRA PARTE.  
— *Marcha militar*, S. do Carmo; *Minuette*, Boccherini; *Plein lune* «nocturno», S. Negri; *Momento musical*, Schubert; *Czardas N.º 1*, Monti.

SEGUNDA PARTE.  
— *Serenata*, Moszkowski; *Minuette*, Beethoven; da «suite» *Peer Gynt*: a) *Le Matin*; b) *Mort d'Aze*; c) *Danse d'Anitra*, Grieg.

TERCEIRA PARTE.  
— *Prélúdio*, do 3.º acto da *Traviata*, Verdi; *Intermezzo Zingaresco*, M. Mens; *Nina*, siciliana, Pergolési; *Luis XVI*, «danse à l'antique», Alfieri; *Fados*, S. do Carmo.

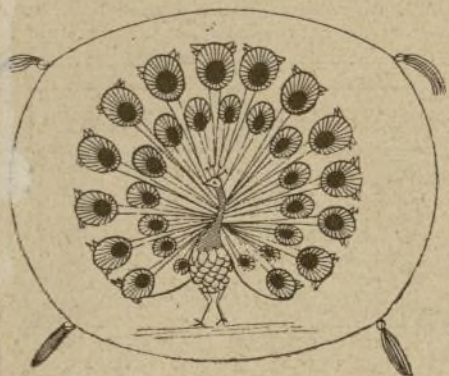




Nos nossos interiores são as almofadas a nota garrida, a sinfonia alacre de cores e formas, alegria dos olhos e a doce maciez para o corpo que se recosta nelas.

Há quem as use em aluvião sobre sofás e divans e formando Himalaias sobre a alcatifa. Tem todos os feitios, são redondas como bolas, bicudas como estrêlas, quadradas, comidas, ovais, triangulares, formando algumas figuras bizarras de aves ou de peixes.

O seu colorido e desenho pode com facilidade



de uma almofada tornar-se um mimo de arte bom gosto.

Nela se podem usar os caprichosos desenhos egípcios dos árabes e bizantinos, como também a sobreposição sólida e macissa de tons como os teutónicos.

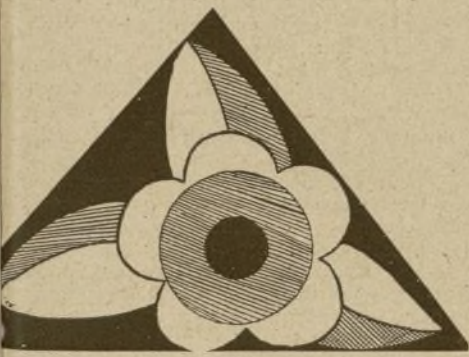
Mas o segredo das almofadas está todo na cor, na cor policromada e embriagante, na maneira de as dispor em aluvião sobre um divan, pinteando-nos os olhos como se fôsse um montão de pedras preciosas.

Os móveis podem ser pesados, tristes. As paredes podem ter cores sombrias. Enchem, porém, a casa de almofadas e a alegria e a mocidade entrarão nos aposentos.

Uma das maiores belezas que a vida moderna nos trouxe foi o encanto, o bom gosto das almofadas exóticas e distintas.

Voga apresenta hoje às suas leitoras, modernas e lindas almofadas, que são um mimo de elegância, de alegria e de cor.

A almofada do pavão, cuja cauda é um esplêndido motivo decorativo, é dum gosto artístico requinte de conjunto com os seus tons comandados que atrairá bastante a atenção de todas as senhoras que desejem adornar os seus interiores com beleza e arte.



As cores a empregar são as seguintes: O corpo, os pés e os redondos que formam a cauda devem ser bordados a preto em ponto de crochê.

O peito em azul e verde alternado e o pes-

## : DO LAR :

### ALMOFADAS

coço nas mesmas cores. As penas da cabeça são em preto a haste, e laranja a extremidade.

O bico é bordado a cheio em verde e contornado a preto. Em volta do olho, que deve ser uma conta preta e brilhante, faz-se um contorno a branco. Os riscos que formam a cauda são todos cheios a azul e verde, e os redondos são das mesmas cores e a parte central em laranja.

Todo o pavão é bordado a ponto cheio e contornado a preto em ponto de pé de haste.

Feita assim, em tonalidades vivas e harmónicas, esta almofada é linda e dum conjunto soberbo.

A cabeça de gato, uma expressiva e interessante cabeça dum simpático bichano, também faz uma almofada muito curiosa.

Sobre um fundo claro coloca-se a cabeça de gato devidamente recortada e caseada para não se desfiar. Esta cabeça também pode ser feita metendo para dentro uma pequenina bainha, evitando assim o caseado.

As meninas dos olhos devem ser bordadas a



verde com um risco preto ao meio. O branco... branco, é claro. O nariz bordado a encarnado e os bigodes e os traços brancos da cabeça e orelhas a fio prateado. Uma fita e um guiso completam a graciosidade desta almofada.

Falemos agora da almofada triangular:

Em almofadas com aplicações de vários tons, recortadas e sobrepostas, é este nosso modelo dum lindo e elegante efeito.

Em veludo em três tons fica esplêndida.

Sobre um fundo de veludo azul escuro dispõe-se uma flor recortada em veludo ócre e folhas em veludo ócre e azul forte, azul pavão por azul forte e o terceiro tom em azul igual ao do exemplo. O segundo tom da flor é também em fundo.

É este conjunto duma suavidade extraordinária e duma elegância feliz e agradável.

A figura das Mil e Uma Noites que compõe a outra almofada é muito engraçada e decorativa. Feita com aplicações de seda e bordados consegue-se uma almofada original e linda.

Sobre um fundo claro, numa cor pouco viva, pregam-se, depois de previamente recortadas, as

aplicações que formam a figura. A cara e as mãos são em castanho; o turbante e a blusa em amarelo e as calças em verde. As riscas do turbante que fingem dobras são bordadas a castanho. Os olhos bordados a branco, com uma



conta de vidro preta e brilhante ao meio. Na blusa pequeninos botões verdes e nas calças largos bordados a cheio e laranja. Os sapatos e o cachimbo são pretos e as bolas em amarelo, contornadas a azul.

Como veem esta almofada, depois de pronta, fica um primor. Cheia de alegria, de cor e de beleza, ela é um esplêndido ornamento num compartimento de móveis escuros e pesados.

A almofada quadrada é simplesmente decorativa. Com ramagens e dois pequeninos pássaros que se devem fazer todos matizados com cores bizarras, fica muito interessante.

A espécie de peanha sobre que assenta a jarra é bordada em verde, parecendo assim maciço relvado, a jarra em laranja e os triângulos que a decoram em preto. A folhagem é toda em verde, verde vivo e puro que sobre o fundo escuro da almofada adquire vibrações de cor, lindas e quentes.

Aqui tendes, leitoras, admiráveis almofadas,



que ornamentarão os vossos interiores, continuando-lhes a elegância, acirrando-lhes o bom gosto.

GUIDA.

FRANCINE BENOIT



É um espírito de eleição que a música seduziu inteiramente, um espírito que à beleza e à arte dedicou toda a sua actividade. Dentro em breve Lisboa ouvi-la há sobre as três indoles da música: a romântica, a impressionista e a mística. Vão ser três noites de pura arte e ninguém deverá faltar às conferências e recitais que a ilustre musicógrafa, tendo como cooperadores João Passos, Arminda Correia e Elena Leal, nos vai proporcionar no belo salão do Conservatório, a principiar em 23 do corrente.

O primeiro dos três concertos-conferências está organizado com segue:

I—Meia hora de palestra, sobre as três indoles da música: romântica, impressionista e mística, por Francine Benoit.

II—Sonata, para violoncelo e piano: Allegro com brio, Andante man non troppo, Allegro vivo, R. Strauss; por João Passos e Francine Benoit.

III—Ariette, Lotti; Pastorale, Haydn; La vie est un rêve, Haydn; Trois chansons de Bilitis: Le tombeau des Naïades, La chevelure, La flute de Pan, Debussy. — (Canto e piano). Por Arminda Corrêa e Francine Benoit.

IV—Coral em lá, C. Frank (transcrição de Duparc); Coral em mi, (transcrição de Duparc). — (Para dois pianos). Por M. Elena e Francine Benoit.

Pianos Bechstein e Blüthner.

No 2.º Concerto-Conferência: A Alma da Música.

### PLISSADOS

ARTÍSTICOS E DE COMPLETA NOVIDADE executam-se, com esmerada perfeição, em todos os modelos parisienses. À jour e caseados em roupas brancas

JOSÉ SILVA (Camiseiro)

173, Rua Arco do Bandeira, 1.º, E.  
2.º quarto vinda do Rossio — LISBOA

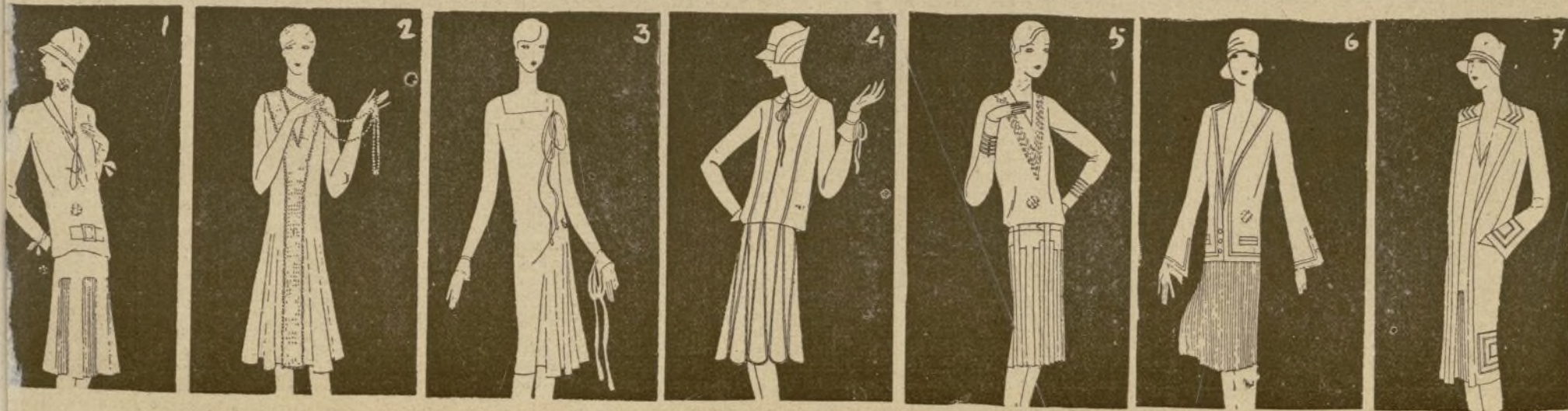
—Suas filhas não gostam de ler?

—Quere que tomem gosto pela boa leitura?

—Dê-lhes o

MAGAZINE  
BERTRAND

## ÚLTIMOS MODELOS

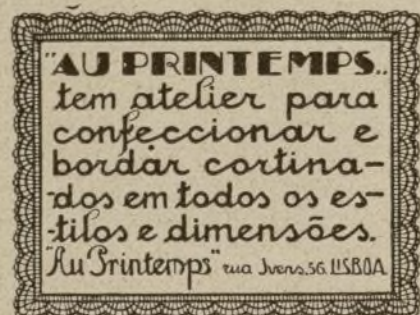




...NARCISO Boucher, ontem à noite, picado por uma tarântula súbita, resolveu fechar a casa de campo e voltar ao palácio de Pêra. Então fazendo já a mudança, e amanhã toda a embaixada terá deixado o Alto Bósforo. Portanto, salvo ocorrências excepcionais, provavelmente já dormi a minha última noite de Beicos.

Ora! aqui ou noutra parte... Tenho saudades da minha casa turca. Mas terei lá Stambul. — Stambul!... Desde que lady Falkland me levou lá, tenho saudades de todas aquelas ruas desertas e silenciosas, onde tanto sol brilha sobre os túmulos e as casas confundidas, onde tantas ervas crescem entre o mármore amarelado das altaneiras mesquitas...

E demais, eu não deixo a minha casa turca. Tudo nela ficará em ordem e nada me impede



de vir de quando em quando passar-lhe revista. Assim, quando chegar o próximo verão nada terei esquecido e retomarei todos os meus hábitos e tornarei a sentir os murmúrios do Bósforo, e a ver a barba branca do iman, meu visinho... e talvez também algum molho de tuberosas no parapeito do «shahnichir»... Sim. E terei quarenta e sete anos em vez de quarenta e seis.

Levei todo o dia a passear pela casa. Não quero voltar a Pêra senão ao pôr do sol, para descer o Bósforo à hora do crepúsculo, que é a mais doce. Bem sei que lá está a minha espera na rua de Brussa, em cima da minha secretária, um relatório por acabar. Creio até que o sobre-dito relatório deve elucidar vários ministros sobre a realidade dos preparativos búlgaros ao longo da fronteira otomana. Allah dê juízo aos Infieis! Mas amanhã trabalharei o dobro. Esta noite não quero pensar senão na pacífica Turquia.

Ah! é a hora de repouso para os soldados do quartel. Formam em duas filas, voltados para o mar, e oíço os clarins psalmodiar um ritmo lento, que parece chorar. Sucede-lhes uma trombeta, e acaba em menor. Vêjo-os, todos a um tempo, levantar a mão direita para a saudação; e um grande grito rebôa:

— Padik'ım tchok yacha! (Viva o imperador!)

Este grito ouvi-o eu já no Selamlık e noutras partes. E sempre tenho sentido o frémito contagioso que sacode os homens do Islam, ao aclamarem o seu Califa... Oh! estes homens tem fé! E eu invejo-os. Se um dia tiverem de matar ou morrer, saberão porque é, ou, pelo menos, julgarão sabê-lo.

O sol baixa. O caïque safu do caik-hané, e Osman encosta-o à escada, agarrando as estacas com a sua fígua de gancho de cobre. Oh! um choque abafado no «shahnichir»... Com a breca! é um segundo ramo igual ao primeiro... Ei-lo aqui a meus pés, e rescende o perfume sensual das tuberosas... Evidentemente, é o «shahnichir» visinho que bombardeia. A sua vidraça lateral está toda aberta. Mas ninguém aparece. Sem dúvida, impõe-se prudência... Apanho o ramo, tendo o cuidado de não me mostrar muito. É o que eu esperava. Um bilhete entre as flores. Um bilhete muito curioso, escrito no papel com renda de ouro, de que as crianças se servem para dar felicitações:

«Quatro vezes levantei o meu véu debruçando-me na janela e o senhor nunca olhou para mim. Todavia, hei de chorar quando o seu caïque partir...»

Está escrito em francês, sem o menor erro. O meu visinho iman tem então uma filha—di-

## O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

plomada em letras? De facto, as donzelas turcas de qualquer classe são geralmente mais instruídas do que as nossas jovens francesas...

Vejamos, que hei de fazer? Em todo o caso, a galantaria manda que eu responda. Uma folha do meu livro de apontamentos? É de veras desleal. Deixá-lo! Não há escolher armas em tempo de guerra:

«Voltarei breve e muitas vezes. Apareça no «shahnichir» quando eu descer do caïque.»

Pronto. Agora um alfinete. O primeiro ramo, veículo propício, ainda ali está... Um, dois, três! O ramillete florido, arremessado, engolfa-se na janela aberta. Deus o guie!

Bom. O caïque aborou. Ainda é dia. Desço. Fecho ruidosamente a porta. Embarco. No «shahnichir» do velho iman debruça-se uma forma velada. Olho: levanta-se o «tcharchaf». Aparece um rosto travesso, uns olhos ternos sorriem; uma boca infantil atira um beijo. É a corrente, rápida, afasta-me... Por consequente, as donzelinhas turcas também às vezes flirtam com os Infieis. O Mehmed paxá, como os seus olhos vêem claro! Ainda assim, flirt por flirt, prefiro a maneira muçulmana à das Calíopes e Cristinas, em suas salas de biombo.

A noite desce. Lá está Canlidja. A grade. O pequeno pavilhão à beira de água. O caïque passa muito perto, invisível sobre a água sombria. As janelas estão iluminadas. Vêjo uma sombra esbelta por detrás das vidraças luminosas...

XVII

O sr. Carazoff, persa, tem em Stambul, no primeiro andar de uma casa pintada de vermelho, um estabelecimento muito afreguezado,

Sumack: duas faces e flexível! um lenço, um lenço de algebeira.

O sr. Carazoff, com a dextra levantada, os dedos juntos, fala baixo, como num templo. Dois caixeiros, a certa distância de nós, desenrolam os magníficos tecidos, amarrotam-nos, e fazem brincar a luz nas suas dobras. Tem-se a impressão de que o sol se mistura com a lâ...

— Bons dias, sr. Carazoff.

É uma velha dama de cabelo todo branco. O sr. Carazoff, com a mão sobre o coração, inclina-se até ao solo.

— Vêjo que está ocupado. Continue, faça favor. Esperarei neste «fauteuil»; e o senhor seu sobrinho vai trazer-me daquele excelente chá persa, que eu bebo sem açúcar...

A dama fala francês sem o menor sotaque. Levanto-me:

— Senhora, quero permitir a alguém que nunca tem pressa, que lhe ceda a sua vez? Estou comprando tapetes, percebo pouco do assunto, e a minha escóla será demorada...

Ligeira inclinação de cabeça à francesa:

— Farei como deseja. A quem devo agradecer?

— Coronel de Sévigné.

— Suspeitava um pouco que fosse. Eu sou madame Brizian e alguém me falou do senhor coronel, e não foi mal: lady Falkland...

Madame Brizian? Já ouvi este nome. Uma Arménia, viúva, sem filhos, que vive bastante retirada, embora às vezes apareça na roda diplomática.

Entretanto, o sr. Carazoff traz numa taça, um punhado de turquesas persas, pequenas, mas muito azuis.

— Não, sr. Carazoff. Hoje, desejo pérolas.

PIANOS  
AUTOPIANOS  
ORGÃOS  
GRAMOFONES  
E DISCOS

As melhores marcas  
Os melhores preços

**SASSETTI & C.**  
54, 58, Rua do Carmo  
— LISBOA —

onde se encontram cem mil coisas heteróclitas, — principalmente turquesas e tapetes. Fui hoje visitar o sr. Carazoff, porque desejava adornar os meus salões da rua de Brussa com algumas curiosidades agradáveis, escolhidas no seu sortido. O sr. Carazoff é um homem todo deferências, vestido de preto e com uma gorra de astracan, como é de uso entre os indivíduos da sua nação. A delicadeza do sr. Carazoff é ao mesmo tempo requintada e nobre. Os Judeus são obsequiadores, os Gregos são familiares; o que não obsta a que uns e outros sejam negociantes engenhosos e enriqueçam depressa. Mas os Persas, que são mais engenhosos e enriquecem mais rapidamente, sabem ser familiares ou obsequiadores somente quando é preciso. E o seu tacto em negócio excede consideravelmente tudo o que nós imaginamos no Ocidente.

Isto mo prova o sr. Carazoff à evidência, desde que entrei em sua casa. Basta-lhe o tempo de me saudar, oferecer-me um «fauteuil» e bater as palmas para o seu empregado nos trazer chá, para, num relance, medir-me de alto a baixo, e ficar sabendo com certeza a espécie de cliente que eu sou. Francês — Francês da Embaixada — e suficientemente rico. Portanto, o sr. Carazoff não cai em me oferecer uma bugiganga indigna da minha bolsa, nem qualquer coisa horrível, muito cara, reservada «para gosto americano». Mas imediatamente os tapetes antigos, dobrados e amontoados nas trazeiras da loja, rolam do alto das suas pilhas quadradas, e estendem diante de mim os seus esplendores assetinados.

— Isto é Siné: belo como uma tapeçaria. Isto, Buara: belo como veludo. Isto, Tchautchagan: miniatura, senhor, verdadeiramente miniatura. Isto, Mir: objecto de museu. Isto,

Tem alguma linda pérola, muito redonda, branca ou ligeiramente rosada?

Volta-se para mim:

— Nós, Arménias, somos doidas por joias: a culpa é de nossos pais e de nossos maridos, que gostam muito, muito, de dinheiro... demasiado, talvez... Esse amor alastra até nós. Mas nós, mulheres, somos de mais apurado gosto, e em vez de amarmos grosseiramente os escudos, amamos a sua quintessência: as pedras preciosas.

O sr. Carazoff, numa atitude de devoção, apresenta outra taça mais pequena, onde se vêem juntas pérolas e opalas. A senhora Brizian cala-se, arma-se de um lupa e olha de muito perto. Esgar de desapontamento.

— Não há aqui nada, sr. Carazoff. Vamos, procure melhor. Estas pérolas são detestáveis. Mas aposto que no fundo das suas gavetas...

Terceira taça. Brilham dentro dela quatro pérolas apenas, delicadamente colocadas sobre papel de seda.

— Ah! até que enfim. Esta... não, tem um defeito. Exactamente, um defeito. Não se zangue: eu tenho bons olhos, sr. Carazoff... E aquela é amarela. Mas esta outra não me desagradou... ainda que!... enfim... o preço, sr. Carazoff?

— Senhora, todo o estabelecimento é seu. Essa pérola... não é nada. Nada. Um presente.

— Sr. Carazoff, o senhor é o mais amável dos persas. Mas são já cinco horas à franca. E não temos tempo de trocar todas as amabilidades que conviria. Portanto, diga-me sem demora: quanto?

— Nada! suplico-lhe. A pérola é única, sem preço. Redonda como a lua, e brilhante! Isso não se paga. Tudo o que aí tenho, tapé-

tes, cobres, lacas... nada vale esta pérola. Dou-lha.

— Como é amável, sr. Carazoff! Mas falemos seriamente. Parece-lhe que seis libras turcas?

— Seis libras!... A senhora está a gracejar com um bom-humor que alegra os meus velhos ossos. Nós somos amigos velhos; consola-me verificar que a alegria a não abandona. Hei de dizê-lo a minha filha, que muitas vezes se informa da sua saúde.

— Agradeço-lhe, sr. Carazoff. Mas não estou a gracejar. Seis libras parecem-me um proporcionado preço...

— Preço proporcionado!... Não falemos mais nisso, senhora. Não devemos dar ao senhor coronel, ali presente, falsas ideias sobre o valor das coisas. Esta pérola, custou-me, precisa-

**FOTOGRAFIA PORTUGALIA**

A MAIS CHIC  
DO PAÍS

RETRATOS  
DE ARTE

105 R PASCOAL DE MELO, 109  
TELEFONE 2179-NORTE

mente, vinte e duas libras. Vou-lhe mostrar as facturas...

— Não se incomode, sr. Carazoff. As suas facturas são escritas em persa, e eu não sei ler essa poética lingua. Mas vejo que hoje não fazemos negócio. Porque eu não tenho na minha bolsa mais que sete libras...

— A factura marca vinte libras. Eu tencionava, em paga do meu trabalho, ganhar dez por cento. Mas tenho que renunciar a isso. A vida está-se tornando bem rude para os negociantes. Não importa. Meu avô vendia a vossa avó, e eu sinto que este lucro arrancado a madame Brizian me acarretaria infelicidades. Aqui está a pérola. É sua. Um presente. Não me pagará senão as vinte libras turcas.

— Oh não! inteiramente impossível. Eu disse oito libras. E o senhor sabe que as Arménias não cedem nunca uma piastra...

— Escute, senhora. Não falemos mais em vinte libras. Façamos preços exactos. Tudo isto era apenas gracejo. Mas é preciso gracejar durante um certo tempo; tem de se falar a sério. Dou-lhe a minha palavra de honra! Por quinze libras turcas, não ganho o preço de um lenço de seda.

— Sr. Carazoff, por dez libras turcas, ganha para vestir de setim todo o bonito corpo da

**LIÇÕES DE BORDADOS**  
Em curso ou particular  
**POR BORDADORA BEM HABILITADA**  
Rua da Bempostinha, 40, 1.º

sua bonita filha. E eu não sou suficientemente rica para...

— Meu Deus! dez libras! Kondjé-Gul, venha cá!

Aparece, levantando um reposteiro, uma gentil rapariguinha.

— Senhora, sobre a cabeça desta criança, que é a minha carne e o meu sangue — o sr. Carazoff estende a mão sobre os cabelos lisos, — lhe juro que por dez libras, perco!

— Sr. Carazoff, acredito o seu juramento. Aproxime-se, querida, quero abraçá-la. Assim! E diga ao papá que tem de me ceder a pérola por nove libras turcas, porque eu sou uma fregueza muito antiga, teimosa, e porque de outra vez ganhará muito mais comigo... Então, sr. Carazoff?

— Onze libras, senhora, suplico-lho!

— Vamos, nove e meia.

(Continua)

**FOTO-  
GRAVADORES**

**BERTRAND  
IRMAOS. Lda**

**T. DA CONDESSA DO RIO 27**  
TEL. T. 96

Lave, ondule e  
corte o seu  
cabelo

na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35

Novas instalações



# Grafologia

## AVISO IMPORTANTE

Temos em nosso poder algumas consultas já analisadas mas que em face da impossibilidade de ampliar o espaço reservado a esta secção, aguardam a sua publicidade segundo a ordem por que foram recebidas e, conseqüentemente, numeradas.

N.º 304 — *Madame de la Sallette*. — Originalidade, sentimento estético e... (perdôe-me) também uma certa vaidade inconsciente, resultante das suas faculdades artísticas e intelectuais. O seu grafismo é digno de uma análise mais desenvolvida, não obstante o resultado não poder, talvez, ser à medida dos seus desejos.

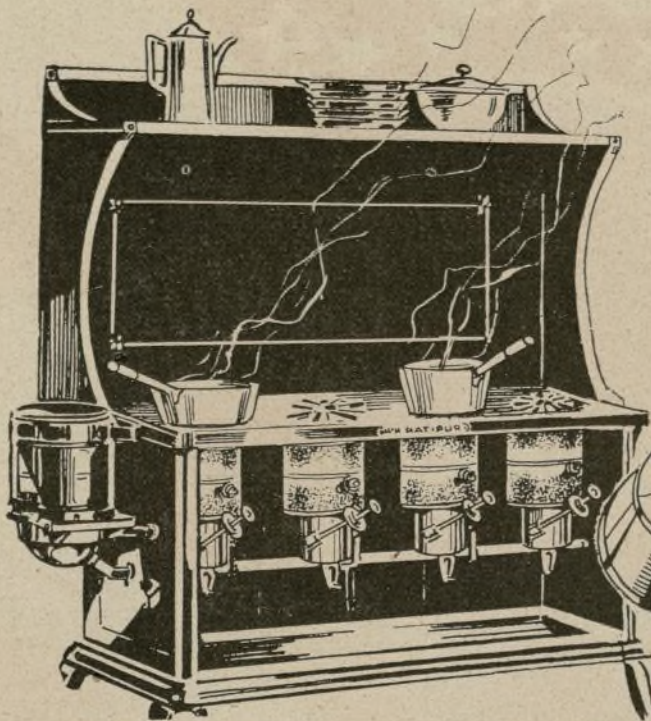
N.º 305 — *Mariette-Fafe*. — Simplicidade bondosa e simples. Tentando evidenciar-se mais pela exterioridade do que pelas palavras. Imaginação indisciplinada e também um certo nervosismo resultante do seu temperamento bem meridional e impulsivo.

N.º 306 — *Maria da Paz — Fafe*. — Concentração numa vontade que procura sobretudo desenvolver o seu aperfeiçoamento pessoal. Espírito naturalmente prudente, sabendo corrigir todas as suas más tendências, talvez em consequência do seu personalismo ainda indefinido, direi mesmo bastante pueril e demasiado crédulo.

N.º 307 — *Um curioso Torreense*. — Um grafismo muito evidente, demonstrando a posse de um carácter forte nas suas afirmações, mas quasi sempre incapaz de manter a firmeza que aparenta. Como defeito denunciarei uma certa «pose» sem maldade mas procurando, sobretudo, valorizar-se à custa do efeito produzido com a sua exterioridade. Relativamente ao seu futuro é melhor consultar a bruxa da... Malveira, que é perto daí...

N.º 308 — *Uma que ama a «Voga»*. — Placidez de espírito e de tendências. Vontade guiando uma mentalidade desejosa de progresso e aperfeiçoamento ainda que sofrendo os efeitos de uma verbosidade prejudicial e desnecessária. Todos os seus traços definem uma natureza disposta a conseguir o triunfo dos seus desejos e... preferências.

N.º 309 — *Lady M. T.* — Vejamos: Todas as letras deste tipo definem um temperamento artístico aliado a um espírito demasiado reflectido a ponto tal que em convivência social chega a atingir a dissimulação. Todavia, todas as suas



Nem uma ponta de fuligem!

FOGÃO  
PURITAN  
cómodo  
asseado  
economico

À venda na

**Vacuum Oil Company**

Rocio, 67 Tel. N.º 3075 e nas suas Agencias

V. Ex.<sup>a</sup> pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.



**TILAI**  
ESTUDIO  
DE DANÇA  
RITMICA, PLAS-  
TICA, MÍMICA

2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras, das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas

Rua Marquês da Fronteira, 82  
CAMPOLIDE

tendências definem firmeza, decisão forte e inquebrável. Conclusão: Espírito equilibrado, lógico, prático mas padecendo de uma inevitável falta de naturalidade.

N.º 310 — *Maria Madalena*. — A consulta grafológica é obtida pela análise dos traços caligráficos e não pelo exame astrológico dos influentes astronómicos, na data do nascimento. Limite-me, por isso, a verificar que V. Ex.<sup>a</sup> é uma pessoa cuidadosa e diligente, susceptível e caprichosa até por vezes difícil de compreender. Apaixonada e sincera, ainda que um pouco... (perdão) vaidosa. Por vezes indolente, obstinada e laboriosa.

N.º 311 — *Dulce*. — Bastante atraente. Bom coração e económica, fiel e constante. Poderá vir a ser uma esposa modelo.

N.º 312 — *Maria Luísa*. — Indecisão, indisciplina mental e vontade de aperfeiçoar-se, a ponto de chegar a dissimular as suas próprias características. Bondade natural, simplicidade e força de vontade.

N.º 313 — *Vithol — Guarda*. — Actividade, afectividade e discreção. Espírito lúcido, disciplinado e cauteloso nas suas decisões e atitudes. Dificuldade de decisões, hesitação em questões morais e lógica natural.

N.º 314 — *Airam*. — Actividade mais intelectual que material. Um espírito demasiado concentrado em crises de depressão mórbida, absolutamente nocivas à sua evolução. Indecisão de opiniões, sem todavia contrariar as suas conveniências pessoais.

N.º 315 — *Beton — Guarda*. — Paixão, sinceridade, esperança e dedicação. Energia indomável que mais tarde poderá transformar-se numa irritabilidade prejudicial e perigosa.

N.º 316 — *Emilinha — Gouveia*. — Simplicidade, franqueza, energia prejudicada por uma grande depressão moral que, todavia, não consegue alterar a sua actividade natural. Bondade sem esquecer os seus interesses. Boa administração.

N.º 317 — *Flôr exótica*. — Superioridade consciente aliada a uma vontade forte e decisiva. Discreção, sabendo valorizar-se mais pelas suas

palavras do que pelas suas atitudes. Defeitos? Sim... uma certa presunção altiva mas inofensiva.

N.º 318 — *Saudade do meu lar — Porto*. — Imaginação impulsionada por um temperamento vigoroso, enérgico e decidido. Vontade concentrada mas incapaz de uma acção persistente em consequência da sua extraordinária tendência para divagar, sempre alheia à realidade, quasi sempre cruel, dos factos.

N.º 319 — *Duvidosa*. — Simplicidade afectiva, sabendo dedicar-se e corresponder às afeições de que é alvo.

Espírito desassombrado, sabendo bem impôr a sua dignidade, um pouco altiva mas sempre lógica, com a energia necessária ao triunfo das suas razões.

N.º 320 — *«E eu?»*. — Actividade intelectual, hábitos de leitura e experiência social adquirida, mau grado seu.

Um determinado receio em parecer menos justo ao exercer o juízo de uma causa em que se vê envolvido pela força das circunstâncias. Sabendo valorizar-se, graças à facilidade de já mais deixar perder a oportunidade para tal.

N.º 321 — *Ferr*. — Simplicidade de pensamentos vibrando numa mediocridade resultante das influências do meio.

Vontade submetida a um sentimentalismo

demasiado doce para que possa garantir o sucesso de todas as suas empresas.

Sabendo, todavia, escolher as atitudes mais convenientes e também impôr-se pela sua extrema cortesia e a sua aparência cuidada sempre que... não ferem o seu exagerado amor próprio.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.<sup>mas</sup> consulentes da *Voga*, reenderçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

# INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.<sup>da</sup>  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



# ESTRELAS NOVAS

O firmamento cinematográfico parece estar sempre à mercê da onipotente vontade dum Deus Supremo e inexorável que apaga impiedosamente uns astros, num grande gesto da sua mão mecânica, para dar brilho e refulgência a outros que despontam nesse momento, bruxoaleantes e indecisos.

Assim, natural é que tenham desaparecido, como por encanto, figuras nossas conhecidas de há bem pouco, e que foram os nossos ídolos na grande «kermesse» cinematográfica. Onde estão já Mary Miles Minter e Irene Rich, Maria Walcamp e Helen Holmes, Pearl White



e as europeias, a Borelli, a Menichelli, a Makowska, Diana Karenne? Isto para não falar nos homens, Mauricio Costello e George Seitz, Gustavo Serena e Tulio Carminatti, ou das precursoras Leda Gys, Maria Altamoro, Vitória Lepanto e a Robinne. O tempo, o tal Deus inexorável que reina nos estúdios mais do que em nenhuma outra parte, apagou-lhes os nomes da grande ardósia da celebridade. Acabou-se-lhe a voga com os anos, porque, no cinema, a velhice é mais terrível do que no teatro. Não se dissimula, não se encobre com pinturas ou artifícios. Só a mocidade pode ser mocidade sob a luz cruenta dos Sunlights que deforma, ampliando-as em caricatura,

as rugas e os sulcos terríveis da idade. Por isso, se retiram umas lindas mulheres para aparecerem logo outras a ocupar-lhes os postos, numa azafama febril, no maior dos certames de beleza que se possa imaginar. Da-

mos nesta página, de cima para baixo, algumas das formosuras hoje em voga em Hollywood, Dorothy Phillips, uma «coquette» elegantíssima, Olive Borden, a grande favorita da Fox, criadora dos mais célebres filmes da hora presente, Blanche Mehaffey, a ex-partenaire de Glenn Tryon nas comédias Pathé, e hoje estrela absoluta, Diana Miller, a nova *wamp* chamada a ocupar, com a sua plástica maravilhosa, o lugar vago pela morte da infeliz Barbara La Marr, e por fim Lois Moran, uma deliciosa ingénua raptada à França, frágil figurinha de Saxe dum encanto e duma simplicidade verdadeiramente maravilhosos.

Eis uma nova constelação que trabalha, com o maior sucesso, nas principais casas americanas de produção.

Quando chegará a hora em que tenham que ceder os postos de trabalho a outras mais belas e mais jovens?...

Não será, decerto, por enquanto, porque a mais velha ou menos nova destas novas estrelas, tem 21 anos.

E até que o tempo as derrote...